



## REFLEXÕES SOBRE SUSTENTABILIDADE, GLOBALIZAÇÃO, CULTURA E TRABALHO

## REFLECTIONS ON SUSTAINABILITY, GLOBALIZATION, CULTURE AND WORK

### **João Almeida Santos\***

Mestre em Administração/Universidade Metodista de São Paulo  
Professor da Universidade Metodista de São Paulo  
E-mail: [professoralmeida@ig.com.br](mailto:professoralmeida@ig.com.br)  
São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil

### **Getúlio Kazue Akabane**

Doutor em Administração de Empresas/Fundação Getúlio Vargas  
Professor do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
E-mail: [getulio@akabane.adm.br](mailto:getulio@akabane.adm.br)  
São Paulo, São Paulo, Brasil

### **Eduardo Biagi Almeida Santos**

Mestrando em Administração/Universidade Nove de Julho  
E-mail: [eduardo-biagi@hotmail.com](mailto:eduardo-biagi@hotmail.com)  
São Paulo, São Paulo, Brasil

### **Hamilton Pozo**

Doutor em Administração/California Coast University  
Professor da Faculdade Campo Limpo Paulista  
E-mail: [hprbrazil@hotmail.com](mailto:hprbrazil@hotmail.com)  
Campo Limpo Paulista, São Paulo, Brasil

### **Takeshi Tachizawa**

Doutor em Administração/Fundação Getúlio Vargas  
Professor da Faculdade Campo Limpo Paulista  
E-mail: [usptakes@uol.com.br](mailto:usptakes@uol.com.br)  
Campo Limpo Paulista, São Paulo, Brasil

---

\*Endereço: João Almeida Santos

Universidade Metodista de São Paulo, Coordenação do Curso de Administração Comércio Exterior. Rua do Sacramento, 230, Rudge Ramos, CEP: 09.640-000 - São Bernardo do Campo, SP – Brasil.

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho**

**Artigo recebido em 20/05/2013. Última versão recebida em 11/06/2013. Aprovado em 12/06/2013.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

## RESUMO

O presente artigo discute o processo de desenvolvimento e a influência da globalização na cultura e no comportamento da sociedade a partir de reflexos percebidos no mercado de consumo e como estes participam ou interferem na sustentabilidade. Considerando a globalização como um processo de interação entre os povos que em geral têm sua origem no comércio e nas relações políticas, os reflexos na cultura e no comportamento da sociedade são inevitáveis sob o ponto de vista de consumo dos produtos oferecidos para os novos consumidores desses mercados que estão no processo de globalização. Diante dessa necessidade é importante pensar no uso sustentável dos recursos e dos produtos gerados. Este artigo é uma reflexão sobre sustentabilidade, globalização, cultura e trabalho, podendo ser resumido na identificação dos reflexos da globalização no emprego a partir do uso de tecnologia; na verificação dos reflexos da globalização na cultura como positivos ou negativos para ambos os envolvidos; na análise globalização e sociedade, relativamente aos novos produtos, melhores e mais baratos para satisfazer a população; e na avaliação da sustentabilidade nesse contexto de consumir e produzir.

**Palavras-chaves:** sustentabilidade; globalização; cultura; sociedade; trabalho.

## ABSTRACT

This paper discusses the development process and the influence of globalization on culture and behavior of society from perceived reflexes in the consumer market and how they participate or interfere in sustainability. Considering globalization as a process of interaction between people in general has its origin in trade and political relations, the reflections on the culture and behavior of society are inevitable from the point of view of consumption of products that are offered for new consumers in these markets are in the process of globalization. Considering this necessity is important to think about the sustainable use of resources and products generated. This article is a reflection on sustainability, globalization, culture and work, can be summarized as: a) identify the consequences of globalization on employment from the use of technology, b) the consequences of globalization on culture are positive or negative for both involved, c) globalization and society have benefits with new products, better and cheaper to meet the population and d) how is sustainability in this context consuming and producing.

**Keywords:** sustainability; globalization; culture; society; work.

## 1. INTRODUÇÃO

Globalização, Cultura e Sociedade são conceitos intimamente interligados por diversas vertentes pelas quais se queira analisar, por isso é importante a contextualização e a definição de um foco para facilitar a discussão e apresentação da relação existente entre eles. Quando estes conceitos são relacionados à sustentabilidade, o debate pode assumir proporções até certo ponto difusas sem essa contextualização. Este artigo propõe uma reflexão entre Sustentabilidade, Globalização, Cultura e Trabalho, de tal modo que as confluências dos mercados de consumo e de cultura bem como os demais conceitos estejam interligadas com o máximo de relações que se possa analisar. Globalização, Cultura e Trabalho se tornam mais claros quando a globalização surge com os produtos circulando nos mais variados mercados, dando a impressão de que está procurando uma adaptação onde quer que seja aceito este produto. A cultura aparece na aceitação total do produto da forma como está sendo oferecido ou com a adaptação ao comportamento do consumidor deste novo mercado. E por fim, na lógica da apresentação dos três conceitos neste processo de confluência, a sociedade que pode ser obrigada a assumir um novo padrão de comportamento mediante a criação de leis que permitam o recebimento do novo produto na esfera de consumo deste consumidor.

A Sustentabilidade surge mais recentemente como uma visão apocalíptica de uns e outros da oportunidade de enriquecimento com produtos baratos, feitos à base de material reciclado e tendo como a grande bandeira de consumo o slogan: *Este produto é feito de material reciclado*.

A China, bem como toda a região do leste asiático, a Coreia do Sul e a Índia são apontadas por Jeffrey Sachs como um exemplo bem sucedido de globalização, já que reúne os fatores fundamentais para a inclusão sustentável no mundo globalizado (SACHS, 2002). Então, pode ser inferido que os países citados por ele são condescendentes com a nova cultura e a sociedade se adaptou para poder receber todo o volume de investimento, tecnologia e a possibilidade maior de geração de emprego e renda para um contingente expressivo de desempregados e desesperançosos do seu futuro. Índia e Coreia tiveram sua transformação economicamente centrada em fortes investimentos em tecnologia e a capacidade de produzir alteração no comportamento das pessoas é evidente, principalmente quando é considerada a interação existente por páginas de relacionamento mediada por Facebook e Twitter. As tecnologias mudaram radicalmente não só a dimensão temporal, mas também a dimensão espacial da reprodução social (DOWBOR, 1998, p.1).

A década de 1980 representou um momento crucial para a evolução da economia mundial, marcada por três fases distintas: 1) 1979 até 1982, permeada por crises econômicas e recessões, culminando com a depressão econômica entre 1979 e 1982; 2) 1983 até 1987, com a recuperação econômica promovida pelo aumento da demanda norte-americana e 3) iniciada em outubro de 1987, com o *crash* das bolsas de ações e mercado financeiro internacional, com o desaparecimento do mercado de US\$ 1 trilhão da economia mundial; indo até o ajuste do mercado em meados de 1990, a partir de maior controle da circulação monetária no mundo (SANTOS, 1994, p.79).

O mercado globalizado tem reflexos simultâneos, com base em notícia boa ou ruim como um efeito dominó, em função da forte integração proporcionada pela tecnologia da informação e velocidade com que esta informação circula pelo planeta. Economias como a brasileira perceberam uma rápida evolução em centros urbanos mais avançados, embora Miranda (2000, p. 78) destaque que se o Brasil desejasse ter uma sociedade da informação forte deveria acelerar a implantação de uma sólida plataforma de telecomunicações, para que conteúdos de interesse social pudessem ser difundidos na educação, saúde, meio ambiente, agricultura, indústria e comércio, pois tais áreas proporcionariam elevado retorno social.

Nesse sentido, todos os atores envolvidos no crescimento econômico de um país devem ter sinergia a fim de que o resultado caminhe para o bem estar social. Então:

- a) O crescimento econômico é importante para manter a saúde da sociedade em termos de movimentação de riqueza, geração de emprego, produtos e fortalecimento do país no cenário geopolítico;
- b) A variedade de produtos mostra a pujança da economia em relação ao uso de novas tecnologias e de aplicação do conhecimento;
- c) A participação do governo é importante como direcionador e elo de ligação entre as necessidades sociais e o papel desenvolvido ou o que as empresas devem fazer e como fazer;
- d) O papel fundamental do governo no fomento de recursos para investimento em diversas áreas de necessidade social como saúde, educação, infraestrutura.

## 2. GLOBALIZAÇÃO

A *Globalização* não é um fenômeno novo, apontado pela literatura mais recente, que se observa. A ênfase dada pelos autores, que apenas percebem sua existência no contexto mais recente, está associada fortemente ao comércio e à circulação de pessoas. Santos (1994,

p. 86) considera que todas as regiões do mundo contemporâneo passam por processos de integração em maior ou menor escala, entre seus componentes e com outras regiões do Mundo, com destaque para os Estados Unidos e a Europa, que ainda representam o centro da economia mundial como os grandes articuladores do complexo comercial, financeiro e político do mundo.

A *Globalização* constitui ao mesmo tempo uma tendência dominante neste fim de século (DOWBOR, 1998, p.2). É exemplo da especulação financeira com volumes de circulação inimagináveis para o cidadão comum; é mais forte do que se imagina quando se coloca este fenômeno nos dias de hoje (2012), proporcionado pela forte integração dos mercados financeiros do mundo que não parece ter respeito ao que é dia e o que é noite e, principalmente, ao descanso, para a recuperação física dos seus operadores.

Para identificar a origem da *Globalização* pode-se partir de qualquer fato histórico que descreva a busca de novos mercados e regiões que dessem poder para aquele que estivesse buscando o fortalecimento do seu nome pelas conquistas de novos povos. Não é diferente nos dias de hoje, quando empresas procuram mercados para se instalarem em um processo de internacionalização que possa representar mais poder e riqueza para seus acionistas.

Nas palavras de Hugon (1959, p.37):

Do século XII ao VIII antes de nossa era [como a narrativa parte do período antes de Cristo a denominação da data é decrescente], conheceu a Grécia, tão somente, uma vida doméstica. Mas, após essa época, chamada 'homérica', no período clássico do século V e, mais ainda, na era helênica dos séculos IV e III A.C., observa-se o desenvolvimento de uma vida econômica propriamente dita, ou seja, de uma vida econômica de trocas.

Por esse trecho é possível perceber que, enquanto não havia a interação com outros povos por meio do comércio ou pela invasão e escravização, a *Globalização* não era percebida, pois se tratava de um comportamento meramente regional e local, onde os gregos tiravam tudo de que necessitavam para a sua sobrevivência sem conhecer outras regiões ou mercados.

Decorre que a pobreza do solo, a exiguidade do território e o excesso de sua população, tornam o comércio necessário (HUGON, 1959, p.37) e o mar, com seus numerosos golfos e baías, parecia darem pistas aos gregos de que era preciso sair em busca de novos territórios para que aumentassem as chances de sobrevivência.

Para os gregos, o comércio com outros povos era uma questão de sobrevivência e nesta proporção as empresas buscam novos mercados porque, na região onde atuam, há

limitação de consumo ou por ter ocorrido o empobrecimento da sua população, que reduziu o seu volume de gasto, impondo um limite para o tempo de sobrevivência desta empresa.

Ao contrário do comportamento dos povos antigos, que invadiam territórios e estes eram tomados na base da violência física e aniquilação dos povos que tentavam resistir de forma heroica às invasões, as empresas encontraram na internacionalização uma forma de entrar no novo mercado e, com o seu poder financeiro, se apoderar do novo mercado. Com a *Globalização*, as decisões de produção e comércio internacional ficaram intimamente interligadas e a maior parte de produtos que são negociados tem origem em outros mercados que não o local ou boa parte de seus componentes são produzidos ou dependem da produção em outro mercado (SILBER, 2010, p. 17).

Tabela 1: Crescimento do PIB e do volume do comércio mundial (%)

	<b>1953/ 1973</b>	<b>1973/ 1980</b>	<b>1980/ 1985</b>	<b>1986/ 1990</b>	<b>1991/ 2000</b>	<b>2001/ 2003</b>	<b>2004/ 2006</b>
Comércio Mundial	7,8	4,6	3,4	5,2	7,7	2,3	8,3
PIB mundial	4,8	3,3	3,3	3,4	3,5	2,9	4,7

Fonte: adaptado pelos autores com base em Silber (2010, p. 18).

No período de 1953 a 1973, o comércio mundial é crescente por causa da implementação de políticas de recuperação pós-segunda guerra mundial capitaneada pelos EUA com um crescimento do comércio mundial de 7,8% mostrado pela tabela 1. Após esse período de largo crescimento, os dados apresentam uma ligeira queda entre 1980 e 1985 e novamente um período de queda entre 2001 e 2003, respectivamente 3,4% e 2,3%. O aumento da taxa de juros imposto pelos EUA obrigou os países subdesenvolvidos (depois denominados em desenvolvimentos e hoje emergentes) a pegarem empréstimos para pagar contas antigas e os juros, criando uma bola de neve de extração de recursos financeiros do Terceiro Mundo (SANTOS, 1994, p.78-9).

As avaliações das crises de 1987, bem como os desequilíbrios asiáticos de 1998, permitem uma visão crítica deste processo regado por grandes volumes de dinheiro volátil, os fluxos se tornaram mundiais, enquanto os instrumentos de regulação continuam no âmbito do Estado nacional (DOWBOR, 1998, p. 2). Do ponto de vista histórico, a *globalização* inicia como uma questão de sobrevivência de vida para os povos desprovidos de terra para plantar e colher o que necessitavam e que representava a única riqueza. O mundo evolui e caminha para uma *globalização* comercial de produção com a invasão de capital transnacional em fins do século XIX e início do XX, onde as empresas se instalavam para produzir os bens para

aquele povo e gerar riqueza para si. Avança para a *globalização* política, com o fornecimento de grandes empréstimos e trocas de tecnologia ou de produtos de infraestrutura, como os ocorridos no setor energético com a energia nuclear em meados de 1970, sobretudo no Brasil; e chega aos dias de hoje com a *globalização* financeira e de capitais, que circulam pelos mercados de diversos países do mundo na velocidade que a tecnologia da informação permitir.

A *Globalização*, que é um processo de integração comercial e sistemas de produção intenso entre os diversos países do mundo e de trocas comerciais, envolvendo os mais variados tipos de bens e serviços, ainda mantém a sua definição mais primitiva e sua origem a partir do ponto de vista comercial e produtivo. As mudanças estão centradas na importância dada para o produto e a moeda que sofre especulação e aumenta o seu poder na intensidade dessas especulações e da força exercida por especialistas em destruir mercados e economias sem gerar mercadorias para a sobrevivência da sociedade onde está agindo.

## 2.1. Cultura

Cultura é um fenômeno dinâmico que nos segue o tempo todo, sendo constantemente desempenhada e criada por nossas interações com outros e moldados por comportamento de liderança, e um conjunto de estruturas, rotinas e normas que orientam e restringem o comportamento (SCHEIN, 2009, p.1). A partir da década de 1980 as empresas tornaram-se objetos de análise cultural, porque eram muitas as noções de cultura. Então, o que consolidou foi o de que cultura é um conjunto de valores e significados que fornecem uma base comum compartilhada (BARBOSA org. 2009, p. 1).

Cultura é uma abstração, embora as forças que são criadas em situações sociais e organizacionais que dela derivam sejam poderosas (SCHEIN, 2009, p.3). As matrizes da cultura brasileira, formada pela indígena, a portuguesa e a da África negra, dão a dimensão do poder derivado da discriminação em função da pobreza de raiz cultural. Então, os países de centro, considerados desenvolvidos e donos do capital e da cultura, sufocam a cultura brasileira sob o pretexto de que não conseguiu formar raiz e está fadada a ficar sem uma identidade, apesar de que isto tem mudado com a abertura econômica em meados de 1990 (TANURE in BARBOSA org. 2009, p.30).

*Cultura* é um conceito antropológico e sociológico que comporta múltiplas definições que, para alguns, a cultura é a forma pela qual uma comunidade satisfaz as suas necessidades materiais e psicossociais (MOTTA, 2011, p.16).

### 2.1.1. Globalização e Cultura das organizações

O termo Cultura Organizacional começou a ser discutido no Brasil na década de 1980 e Cultura Brasileira tem buscado sua própria identidade (MOTTA, 2011, p.30). Cultura é um fenômeno dinâmico que nos segue por toda parte, sendo constantemente desempenhada e criada por nossas interações com outros e moldada por comportamento de liderança, e um conjunto de estruturas, rotinas e normas que orientam e restringem o comportamento (SCHEIN, 2009, p.1).

**Quadro 1: Três abordagens sobre a Influência da cultura do país na gestão das empresas**

Abordagem	Principais características
Convergente (universalista)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- propagada pela academia até os anos 1970 e com o fenômeno <i>globalização</i> recentemente foi retomada, em especial multinacionais;</li> <li>- há uma única maneira aceitável de administrar;</li> <li>- Empresas como a varejista Marks &amp; Spencer quando iniciou operações na França e Bélgica transferiu <i>in totum</i> as suas práticas, como sacolas plásticas usadas na Grã-Bretanha: “<i>Compre em lojas britânicas, mantenha os empregos britânicos!</i>”</li> </ul>
Divergente (Relativista)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Adeptos: Whitfield e Poole(1997), Godard e Delaney(2000), Clark e Mallory(1996)</li> <li>- enfatizada em 1970 impulsionada por estudos clássicos como os de Hofstede, que demonstraram o impacto de um país na gestão</li> </ul>
Divergência convergente	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A lógica ocidental é exclusiva, enquanto a lógica oriental tende a ser inclusiva</li> <li>- Viés cultural nesta afirmação está na globalização e no impacto dos avanços da tecnologia da informação que ampliam as fronteiras da comunicação</li> </ul>

Fonte: elaborado pelos autores com dados de Tanure (in Barbosa org. 2009, p.31-2).

Seguindo a linha de pensamento estabelecida pelo Quadro 1, as organizações brasileira estão importando modelos porque não identificam a sua origem, já que as três matrizes da cultura brasileira, como a indígena, a portuguesa e a da África negra, são discriminadas pelo pouco que se conhecem, sobretudo os indígenas e negros africanos. O primeiro grupo dessa matriz – o indígena – constituía-se de inúmeros agrupamentos, sendo os mais conhecidos: tupi-guarani, tapuias, nuaruaques e caraíbas. O terceiro – África negra – era formado

basicamente, de dois quadros étnicos e culturais: bantus e sudaneses, sendo suas culturas muito mais próximas da do português do que da cultura dos indígenas (MOTTA, 2001, p.17).

Entretanto, a grande questão que permanece se refere ao modo pelo qual o comportamento das organizações varia culturalmente (MOTTA, 2001, p. 25). O estilo administrativo tende a se aproximar de qual abordagem citada no Quadro 1. Ou, cultura deve estar necessariamente associada a liderança, pois vemos dois lados da mesma moeda; nem uma nem a outra pode, realmente, ser entendida por si própria (SCHEIN, 2009, p.10).

## **2.2. Globalização, Tecnologia e Emprego**

A Globalização é um processo de integração entre os países do mundo que se envolvem em uma troca em quantidade e diversidade de produto, sendo difícil imaginar o mundo sem a globalização (KRUGMAN, 2002). A globalização não é geral e quando olhamos para o nosso cotidiano, partindo da casa onde moramos, a escola, o médico para a nossa família, o local de trabalho, os produtos que consumimos e outras coisas que estão ao nosso alcance; percebemos que nada disso é global (DOWBOR, 1998, p.3). Pode ser que os produtos sejam feitos em outro país, mas nossas relações são locais. Houve uma mudança no processo de produção e no modo como as empresas produzem, exigindo uma adaptação do emprego e de novos conhecimentos para que o indivíduo pudesse continuar empregado e tirando da sua força de trabalho o salário para prover suas necessidades.

Com a evolução e uso cada vez mais frequente da tecnologia as pessoas são forçadas a se adaptarem rapidamente para continuarem sendo úteis à sociedade. Novos conhecimentos e o preparo para assumir posições num mercado cada vez mais global e de mudança cultural, imposta por processo de produção de origens diferentes da maneira de viver do cidadão, são frutos de uma representação de uma padronização de produção global com o objetivo de reduzir tempo e principalmente custos. Miranda (2000, p. 79) considera que essa situação tem se acentuado, principalmente porque o modo de produção industrial capitalista tornou-se hegemônico na produção e distribuição de produtos intelectuais e, através de seus mecanismos de distribuição – aqueles de mídia em geral– interferem poderosamente nos processos econômicos, políticos e culturais das sociedades.

### 2.2.1. Futuro do Trabalho

As transformações, decorrentes de maior interação comercial entre os países, denominada como globalização, geram mudanças profundas no processo de produção e no comportamento das pessoas, frente ao novo processo de produção, que cada vez mais usa tecnologia, sob o ponto de vista de novas máquinas e equipamentos, que produzem volumes espantosos de bens para o consumo, que muitas vezes a sociedade não consome na mesma velocidade. Com esse novo comportamento é preciso uma adaptação na organização do trabalho que deve sair do modo de produção industrial para o modo de produção baseado em tecnologia da informação (MEIRA, 2010).

A informação digital disponível em larga escala quase no mundo inteiro permite rever a forma de organização do trabalho e das cidades, cujas origens e forma de comportamento remontam aos últimos cento e cinquenta anos (MEIRA, 2010). Em uma nova etapa do desenvolvimento das forças produtivas, cujas naturezas se caracterizam por uma revolução tecno-científica, as leis fundamentais estão fundadas na substituição do trabalho diretamente produtivo e da divisão natural do trabalho pelas máquinas, sistema de máquinas, as usinas, os complexos industriais e os sistemas de produção cada vez mais complexos que interligam outros sistemas relativamente autônomos (SANTOS, 1994, p.83).

O contexto atual do trabalho está cada vez mais distante do que Adam Smith apontava em seus estudos, dizendo que o trabalho era fonte de riqueza, ao contrário dos mercantilistas que consideravam o ouro e prata como fonte de riqueza e os fisiocratas, a terra (HUGON, 1959, p.131). A concentração e a centralização da produção, que caracterizam a revolução industrial, assumem forma global e planetária; dando origem a complexos produtivos de caráter internacional e transnacional (SANTOS, 1994, p. 83).

A maneira de trabalhar foi alterada pela entrada de novas tecnologias e o aumento da demanda global dos últimos vinte anos. Influenciando o comportamento das pessoas que se veem mais próximas do consumo com as oportunidades dadas pelos agentes do mercado financeiro e suas ofertas de crédito, facilitado para um consumo cada vez mais efêmero. Para verificar a necessidade ou não de mais produção é preciso avaliar que a população aumenta de ano para ano, mesmo que em ritmo menor de crescimento, e isto exige também aumento de produção, variedade de produtos em função de sua aplicação e necessidade do cotidiano que muda em função das alterações que ocorrem no modo de viver de todos.

Uma questão tão importante quanto à globalização e o trabalho está na cultura quanto ao comportamento, ao modo de ser das pessoas; como definido por Schein (2009, p.3):

Cultura é uma abstração, embora as forças que são criadas em situações sociais e organizacionais que dela derivam sejam poderosas; ou seja as pessoas mudam o seu comportamento e os produtos globais contribuem para isto da mesma forma que a tecnologia da informação permite que ter acesso a informação do comportamento e do modo de viver de pessoas que estão a quilômetros de distâncias.

Dentre os vários comportamentos a que temos acesso estão os escritórios, que representam verdadeiros sonhos de consumo, pois apresentam uma montagem muito próximo de um *playground* e não do escritório convencional de trabalho ou de pessoas desenvolvendo seu trabalho em casa como se vivesse num eterno lazer. Este modelo de trabalho não tem lugar em muitas culturas organizacionais, como é o caso da brasileira, nem tampouco espaço em suas casas para poder ter um escritório para realizarem suas tarefas.

Para o trabalho ser realizado em casa, as pessoas terão de passar por um aprendizado no seu comportamento para poder enfrentar situação como as descritas por Meira (2010), como o cheiro de comida em casa, tamanho dos apartamentos; sendo que a questão psicológica talvez seja mais relevante que a própria barreira física.

### **2.2.1.1. Cultura e Organizações no Brasil**

O Brasil é considerado uma sociedade coletivista, embora não seja a mais coletivista. Motta cita Hofstede para defender o argumento de que o Japão é um país coletivista por excelência e considera que no Brasil a distância de poder é muito grande, perdendo para outras sociedades da América Latina, exceto Argentina (MOTTA, 2001, p. 30).

Considerando a definição de Hofstede: que a cultura é o modo de pensar, sentir e de reagir de um grupo humano, sobretudo recebida e transmitida pelos símbolos, as organizações brasileiras então receberam o aprendizado dos portugueses e de empresas estrangeiras que se instalaram aqui com sua cultura e a sua forma de fazer as coisas.

O modelo de colonização iniciado e herdado dos portugueses deixou as organizações brasileiras com alto grau de dependência na tomada de decisão e, principalmente, de recursos fáceis e sem juros. A colonização baseada na exploração e na atuação de pessoas que não estavam interessadas em contribuir para o progresso local e sim para o seu benefício próprio e rápido, fez com que o modelo de exploração imperasse de cultura para cultura, ou seja, do período de plantio de cana de açúcar para o café ou para cacau, borracha, outro e outros.

Se, em vez de adotar o modelo de colonização por exploração – aquele em que se esgota o recurso de riqueza dominante da época – fosse adotado o modelo de colonização por

povoamento – aquele em que as pessoas ficam na terra e crescem com ela a partir do seu conhecimento – como foi o caso dos EUA, que recebeu uma série de imigrantes que não tinham como voltar para a sua terra de origem e tiveram que trabalhar e investir todo o seu conhecimento para transformar a nova terra em seu novo lar. A economia brasileira teria outro perfil de comportamento e as organizações copiarão esse modelo de cultura, conforme descrito no Quadro 1, principalmente na abordagem divergente (relativista).

### 3. SUSTENTABILIDADE

Sustentabilidade é um conceito muito empregado no contexto atual com forte associação à preservação do meio ambiente. As preocupações com a preservação do planeta e do uso racional de seus recursos têm feito surgir o uso até indiscriminado do conceito. Outro conceito que tem sido largamente empregado é o do desenvolvimento sustentável, também com a conotação de preservação do meio ambiente. Sustentabilidade pode significar a sustentação dada para algo, permitindo que este possa viver perenemente sem a ajuda de terceiros ou ressurgir a cada vez que se utiliza uma parte dos recursos existentes. Nesse sentido, quando se contextualiza o conceito sustentabilidade, pode ser que tenha uma forte relação com preservação ou algo que se quer renovar cada vez que é extraído uma parte. Sob o ponto de vista do conceito, *desenvolvimento sustentável* parece ser um dos movimentos sociais mais importantes deste início de século e do milênio, indo de iniciativas de pessoas solitárias em busca de ar mais puro para respirar até empresas e governos, alguns com iniciativas mais sérias, outros menos sérias, mas todos desejando um planeta melhor para se viver (BARBIERI et. all., 1991).

Sustentabilidade de um negócio acontece quando ele gera sua própria receita no volume suficiente para manter a empresa em operação e o interesse do proprietário ou dos investidores em continuarem no ramo em que estão atuando. Associando este conceito com o planeta é preciso que os recursos que serão empregados na produção sejam extraídos e repostos na mesma quantidade, para que o processo de produção e consumo aconteça de forma natural para atender às necessidades da sociedade. Quando os recursos são maculados de tal modo que não possam ser renovados, nesse caso deve-se analisar como estão sendo feitos os produtos, quais elementos estão sendo empregados no processo de produção e que estão agredindo o meio ambiente, onde todos estão interagindo, de tal modo que se busquem alternativas para a sua preservação.

O crescimento econômico foi uma proposta feita para a sociedade como forma de promover o bem estar de todos, ou seja, que houvesse melhoria na saúde, mais alimentos, mais escolas, enfim mudanças que pudessem gerar mais conforto. Isto foi feito com base em ingresso de mais capital, mais privatização, mais produção, liberalização da economia para que tivesse amplo movimento de capitais e inovação nos processos de produção e de relacionamento entre poder público e população. Isto era uma necessidade urgente da sociedade para que a vida melhorasse com mais emprego e renda, produto e variedade de produtos (KLIKSBERG, 2008).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe uma reflexão sobre a globalização, a cultura e o trabalho considerando que a globalização é um processo de integração comercial com o emprego de sistemas de produção intenso entre os diversos países do mundo e de trocas comerciais, envolvendo os mais variados tipos de bens e serviços. Cultura é um fenômeno dinâmico que nos segue o tempo todo, sendo constantemente desempenhada e criada por nossas interações com os outros e moldados por comportamento de liderança e um conjunto de estruturas, rotinas e normas que orientam e restringem o comportamento (SCHEIN, 2009, p.1). Trabalho é toda atividade humana que gera bens e serviços necessários para a sociedade.

Ocorre que a globalização interfere na cultura de um povo e no seu modo de produzir a partir do trabalho, que também é alterado por modelos de produção com uso intenso de tecnologia, que cada vez mais distancia o homem do seu próprio meio de relacionamento. Hoje, com a ampliação da tecnologia da informação, que trouxe facilidades na busca de informação sobre as mais variadas culturas; e da globalização, que ampliou a possibilidade das pessoas poderem adquirir produtos e informação de tudo e de todos, as organizações devem mudar a sua cultura e o povo brasileiro deve ganhar uma identidade a partir da descoberta da definição de cultura brasileira.

Generalizar comportamentos não deve ser adotado como forma de definir a cultura das organizações brasileiras. Mesmo considerando a diversidade cultural do povo brasileiro, das empresas estrangeiras que se instalaram aqui atraídas por promessas de facilidade de capital e de remessa de lucro, como o prometido pelo primeiro mandado do Governo Getúlio Vargas (1930-1945) ou pela aceleração no crescimento econômico imposta pelo governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), trouxe sua cultura e depois foram fazendo adaptações para que se adequasse mais as necessidades do povo brasileiro.

Logo, comparando as necessidades de uma economia pela geração de emprego e renda e as ideias defendidas em Imagens da organização, nota-se que a empresa precisa continuar crescendo para inovar e se manter viva como um organismo vivo. Talvez, o que se tenha que discutir é como deve ser o processo de crescimento e geração da riqueza, se deve ser mais ou menos ético, mais ou menos moral e relacionado ao que o mundo precisa para evitar desperdícios e problemas ambientais.

Deve-se interromper qualquer processo que fira a ética, gere mais problemas ambientais e prejuízo no uso de recursos públicos. A contribuição de cada membro da sociedade é não deixar que “pequenos atos” que pareçam inocentes sejam praticados e aceitos como comuns, pois, quando isso acontece, a sociedade se comporta de forma indiferente diante de desvios de condutas por parte de governantes, organizações e mesmo indivíduos comuns.

## 5. REFERÊNCIAS

ALBANDES-MOREIRA, L. A. Pós-globalização, administração e racionalidade econômica: a síndrome do avestruz. **Rev. adm. contemp.** [online], v. 8, n. 4, p. 215-217, 2004.

AMORIM, W. A. C.; FISCHER, A. L. Aprendizagem Organizacional: uma análise sobre o debate e a escolha de categorias para estudos de caso. **Perspectivas Contemporâneas**, Campo Mourão, v. 4, n. 1, p. 101-125, jan./jun. 2009.

BARBIERI, J. C. et. al. Inovação e Sustentabilidade: novos modelos e proposições. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 2, p. 146-154, 1991.

BARBOSA, L. [organizadora]. **Cultura e Diferença nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

BARBOSA, L.; VELOSO, L. A Cultura do Outro: interculturalidade e dialogia nas empresas. In: **Cultura e Diferença nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2009, 161p.

CAMINHA, M. A vida para o consumo: sujeitos como mercadoria. **Revista Contracampo**, Niterói, n. 20, ago./dez. 2009.

DIAZ, L. M. Más ética, más desarrollo. **Revista Convergencia**, Toluca, v. 12, n. 38, p. 413-421, mai./ago. 2005.

DOWBOR, L. **Democracia Econômica**: alternativas de Gestão Social. Ensaio Teórico, 2010.

FREITAS, M. E. **Cultura Organizacional**: evolução Crítica. Coleção Debates de Administração. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

HUGON, P. **Histórias das doutrinas econômicas**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 1959.

KLIKSBERG, B. **Más ética, más desarrollo**. Argentina: Editora Argentina, 2008.

KRUGMAN, P. **Fragmentos da globalização**. Entrevista Revista HSM, 2002. Disponível em: <<http://www.hsm.com.br/artigos/fragmentos-da-globaliza%C3%A7%C3%A3o>>.

MACHADO-DA-SILVA, C. L.; GUARIDO FILHO, E. R.; ROSSONI, L. Campos organizacionais: seis diferentes leituras e a perspectiva de estruturação. **RAC**, Edição Especial, p. 159-196, 2006.

MEIRA, S. **Os 6 Cs do futuro do trabalho**. Entrevista Revista HSM, 2010. Disponível em: <<http://www.hsm.com.br/artigos/os-6-cs-do-futuro-do-trabalho>>.

MIRANDA, A. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a10v29n2.pdf>>.

MOTTA, F. C. P.; CALDAS, M. P. [organizadores]. **Cultura Organizacional e Cultura Brasileira**. São Paulo: Atlas, 2011.

PORTASL HOFSTEDÉ. Disponível em: <<http://www.geerthofstede.com/>>.

SANTOS, T. **Globalização e Regionalização na Economia Mundial**. Biblioteca da Universidade Federal Fluminense. 1994. Mimeo.

SCHEIN, E. H. **Cultura Organizacional e Liderança**. São Paulo: Atlas, 2009.

SILBER, S.; LIMA, M.; VASCONCELOS, M. A. S. (organizadores). **Gestão de Negócios Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2010.